

CRISES OCUPACIONAL E HABITACIONAL NA SALVADOR DE 1997 E 1998.

Renato Fernando da Silva Gimenes¹
Nilson Roberto da Silva Gimenes²

Resumo: *O artigo aborda a crise ocupacional soteropolitana nos anos 1997 e 1998. Para isso, analisa-se a relação do moderno processo de industrialização baiano, anos 1960 e 1970, com a formação de uma estrutura ocupacional soteropolitana abarcadora de dois movimentos concomitantes: uma ampla informalidade e uma restrita formalidade. O trabalho trata também do processo de intensificação da crise ocupacional ocorrido nos anos 1990 com a implementação das políticas neoliberais e de reestruturação produtiva no mercado de trabalho soteropolitano. Tais políticas das empresas promoveram diversos efeitos nos cotidianos dos trabalhadores de Salvador. Um dos objetivos do artigo é captar as diversas formas de luta pelo emprego empreendidas pelos trabalhadores de Salvador. Por fim, examina-se a relação entre as crises ocupacional e habitacional na Salvador de 1997 e 1998 com a finalidade de desmistificar os posicionamentos de alguns atores sociais que argumentam que a crise habitacional é uma consequência quase-automática das migrações do interior do estado para a Região Metropolitana de Salvador.*

Palavras-chave: Crise ocupacional; Crise habitacional; História do trabalho; História presentificada.

1. INTRODUÇÃO

O artigo aborda a crise ocupacional soteropolitana nos anos 1997 e 1998. Tal crise é analisada através de dois espectros: o moderno processo de industrialização baiano, décadas de 1960 e 1970, e a intensificação das políticas neoliberais e da reestruturação produtiva no mercado de trabalho da RMS nos anos 1990.

O processo de reestruturação produtiva provocou diversos efeitos no cotidiano dos trabalhadores formais e informais de Salvador em fins da década de 1990. Os trabalhadores enfrentaram a crise ocupacional de diversas formas: de estratégias de sensibilização até atos de desesperos. Alguns desses casos são resgatados neste artigo.

A crise ocupacional contribuiu para o aumento da crise habitacional. O artigo também analisa tal questão concomitantemente à desmistificação dos posicionamentos de alguns atores sociais que argumentam que o aumento do número de sem-teto é devido às migrações em direção à Salvador.

O interesse em investigar tal tema revela uma predisposição à História Social. Estudos sobre problemáticas urbanas que interferem a vida de sujeitos históricos, além de pesquisas sobre classes e grupos sociais, história das “mentalidades”, transformações das sociedades e movimentos sociais ou fenômenos de protesto social são considerados por Hobsbawm como temas peculiares da chamada História Social (HOBSBAWM, 1998, p. 95).

¹ Estudante de História (Bacharelado/ Licenciatura) do 8º Semestre da Universidade Católica do Salvador. Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: renato.gimenes@hotmail.com

² Orientador – Professor da UNEB e da UNIME, Mestre em Direito Público pela Universidade Federal da Bahia.

O artigo também tentará aplicar o “método regressivo” de um dos fundadores da Escola dos Annales: Marc Bloch. Marc Bloch sugeriu, entre outras coisas, o “método regressivo” ou a busca de ler a história ao inverso (a partir de temas do presente) (BLOCH, 2001, pp. 65-6).

Os jornais “A Tarde” de 1997 e 1998 foram pesquisados. Os mesmos foram fontes primordiais para analisar as ideologias sobre um determinado problema que atinge o âmbito local. Como recurso metodológico, preferimos utilizar bastantes exemplos, pois os mesmos podem ser usados como meio para tratar a História com preocupações éticas, seguindo os passos de Todorov sobre a ciência histórica.

2. O MODERNO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO BAIANO

Francisco de Oliveira, em clássico ensaio sobre Economia e História Regional encomendado pela UNESCO na década de 1980, chamado *O Elo Perdido: classe e identidade de classe*, analisou o moderno processo de industrialização na Bahia, décadas 1960 e 1970, sob as égides da Petrobras e da Sudene e sob a hegemonia do setor industrial de bens intermediários.

As indústrias localizadas no Pólo Petroquímico de Camaçari e no Centro Industrial de Aratu em Simões Filho, desde o início empregavam pouca mão-de-obra. Isso favorece o fenômeno da concentração da renda. Além de não superar formas anteriores de produção, tal modelo de industrialização cria demandas por serviços satisfeitas por frações do exército de reserva: biscateiros, empregadas domésticas, trabalhadores autônomos etc. (OLIVEIRA, 1987, pp. 15-6). O setor formal da economia da Região Metropolitana de Salvador, através da indústria do setor de bens intermediários, estimulou, por assim dizer, as atividades ocupacionais da informalidade que envolviam os âmbitos da produção simples de mercadorias e doméstico. Em suma, coexistiram na Salvador dos anos 1960 e 1970 uma restrita formalidade e uma ampla informalidade.

O moderno processo de industrialização baiano gerou poucos empregos, porém, atraiu uma abundante oferta de força de trabalho. Tal fenômeno ocasionou um cotidiano tão vivenciado pelos soteropolitanos atuais (incluídos os jovens): o desemprego precoce.

Outra peculiaridade da estrutura ocupacional soteropolitana dos anos 1960 e 1970 trata-se da “informalidade” como algo largamente utilizado pelas indústrias para o aumento dos índices de rentabilidade. A moderna industrialização baiana não causou o fenômeno da informalidade, como alegam alguns cientistas sociais, porém, utiliza relações não - tipicamente capitalistas para expandir-se. O mercado de trabalho produzido por tal contexto de industrialização levou às características de diversidade, fragmentação e hierarquização das relações de trabalho. No jornal “A Tarde” de 1998, um comentarista observou que os trabalhadores mais velhos estavam recusando os benefícios sociais advindos da baixa remuneração do setor formal para competir de forma fragmentária no mercado ³. A diversidade das relações de trabalho pode ser vista, por exemplo, na mudança de comportamento de algumas lavadeiras na Região Metropolitana de Salvador. As mesmas trocaram o sabão por trabalho em artesanato ⁴. Tal diversificação de atividades ocupacionais é uma resposta objetiva contra a precarização do trabalho (também herança do moderno processo de industrialização baiano). A hierarquização do trabalho em Salvador pode ser sentida de várias formas. Uma delas é quando comparamos os rendimentos médios de homens e mulheres exercendo trabalhos idênticos. Em 1998, por exemplo, as mulheres ganhavam 37% menos que os homens ⁵. Acreditamos que tal índice pode ser utilizado

³ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Opinião, 12/04/1998, p. 08.

⁴ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Local, 23/11/1998, p. 02.

⁵ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Local, **Cresce a participação feminina**, 02/05/1998, p. 06.

com o intuito de evidenciar uma das estratégias da economia capitalista em Salvador para extrair mais lucro.

3. POLÍTICAS DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO MERCADO DE TRABALHO DA REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR

Enquanto Salvador dos anos 1970 “presencia” a intervenção do Estado brasileiro engendrando o processo de industrialização e de relações de classes, o cenário mundial simultaneamente “observa” uma crise econômica (no sentido radical da expressão) e o esgotamento do fordismo, o que provocou a ascensão da ideologia neoliberal nas decisões dos Estados do Ocidente. Com o fim do chamado “socialismo real”, o neoliberalismo assumiu a posição de porta-voz da “modernidade”, de um novo tempo.

A crise ocupacional soteropolitana se intensificou nos anos 1990, pois, além das peculiaridades propiciatórias da precarização do trabalho em Salvador (“uma grande cidade tradicional”), as políticas neoliberais e da reestruturação produtiva exerceram maior influência em tal década.

O processo de reestruturação produtiva nas indústrias agiu como “sustentáculo” para consolidar as políticas neoliberais. Filgueiras analisa tal processo como uma resposta do capital às quedas de produtividade e lucro. (FILGUEIRAS, 2003, p. 42) A aplicação dos modelos de gestão reestruturantes “sacramentou” a crise do fordismo. Tal crise não significou apenas a crise de um padrão de acumulação de capital ou de um padrão de organização da produção. A crise desse modelo anuncia o fim de um “modo de vida” marcado por certa estabilidade no trabalho e amplas garantias sociais. (FILGUEIRAS, 2003, p. 51).

A reestruturação produtiva começou timidamente nos anos 1980 no Brasil. A aceleração desse processo se deu nos anos 1990 motivada pela implementação da abertura econômica do Governo Collor. Porém, o aprofundamento da reestruturação produtiva ocorreu no Plano Real, pois a subvalorização do dólar facilitou a importação. Conseqüentemente, isso exigiu das empresas nacionais transformações no âmbito da produção em ritmo acelerado para competirem com os novos concorrentes. Muitas dessas empresas tiveram como única alternativa para garantir sobrevivência, a aliança com os capitais estrangeiros. Esse comportamento organizacional das empresas brasileiras na era do Plano Real indica que a economia brasileira recente demonstrou grande sensibilidade com relação às mudanças nas conjunturas internacionais. (FILGUEIRAS, 2003, pp. 55-6 e 69). As duas últimas décadas do século XX, como podemos notar, foram tempos de mudança no setor industrial brasileiro. A reestruturação dos processos de trabalho e a redefinição dos ofícios e profissões foram processos que afetaram todos os envolvidos no mundo do trabalho (SALES, 2002, pp. 12 e 56).

O alcance global das políticas reestruturantes provocou uma tendência generalizante no mundo capitalista contemporâneo de elevação do desemprego. Entretanto, os patamares diferentes de taxa de desemprego nos diversos países sinalizam a existência de peculiaridades circunstanciais nas situações das nações. Essa informação é importantíssima, pois significa não-reconhecer o determinismo discursivo daqueles que dizem que o desemprego é totalmente relacionado com o processo de globalização. No Brasil, as políticas de reestruturação produtiva foram mais agravantes do que em outros países porque tal mudança do mundo do trabalho foi acompanhada da abertura comercial indiscriminada, ausência de política capaz de orientar a reestruturação industrial, ampla desregulamentação dos mercados e da concorrência, sobrevalorização cambial e elevados juros, além de ter provocado “reviravoltas” na estrutura produtiva e de capital nacionais e encolhimento na geração de oportunidades ocupacionais.

(FILGUEIRAS, 2003, p. 171). Estas peculiaridades do caso brasileiro mencionadas acima acarretaram maiores níveis de desemprego em relação à média geral das nações.

Na Região Metropolitana de Salvador, por exemplo, pode-se perceber a perda da estabilidade no trabalho com o advento da reestruturação através do evento da fusão de duas indústrias químicas, a saber, a Estireno e a Dow. Essa reorganização societária acarretou em 60 dispensas da unidade baiana da EDN e outras 10 da Dow, somente no mês de janeiro de 1997⁶.

A terceirização representa um outro fenômeno de crescimento da instabilidade ocupacional. Cerca de trezentos funcionários terceirizados contratados pela Prefeitura Municipal de Salvador na gestão de 1993-96 estavam enfrentando um drama intenso, pois, além de ter convivido com a precariedade do trabalho quando da vigência do contrato, não tinham expectativa de receber os salários e ordenados devidos quando da posse do novo prefeito⁷.

O “resumo da ópera” intitulado “reestruturação produtiva e neoliberalismo” foi que nos três primeiros anos do Plano Real, a União presenciou o fechamento de 806,9 mil postos de trabalho. Além disso, um terço dos trabalhadores brasileiros trocou de emprego em 1997, segundo o Cadastro-Geral de Admissões e Desligamentos do Ministério do Trabalho. Isso revela um cotidiano de instabilidade ocupacional e precarização do trabalho. Milhões de trabalhadores no ano de 1997 foram “reinseridos no mercado com salários menores”⁸.

No jornal “A Tarde” de janeiro de 1998, uma matéria realizou um “balanço” da perda de empregos na Bahia em 1997. O jornalista relata o seguinte cotidiano de muitos que ingressaram na informalidade:

... ver-se bancários, petroquímicos, comerciários, servidores públicos, engenheiros e tantos outros profissionais das diversas categorias abrindo mão da tentativa do emprego com carteira assinada, assistência médica supletiva e até mesmo aposentadoria especial para buscar a sorte como ambulantes, vendedores de cachorro-quente em ‘Towner’ e motoristas de táxi, adquirido com o dinheiro da indenização⁹.

Tal relato sobre o aumento da informalidade não pode ser estudado separadamente das problemáticas do alto índice de desemprego constatado em 1997, das privatizações, das terceirizações, das automações nas indústrias e da forte crise que a economia nacional enfrentava no ano já citado. Isso significa que o historiador deve também compreender um determinado sistema para perceber mais aguçadamente os acontecimentos.

As ações dos governos estadual e municipal têm parcelas consideráveis de responsabilidade pelo alto desemprego da Bahia e Região Metropolitana de Salvador (RMS). O governo estadual concentrou a economia baiana na RMS e centralizou os investimentos públicos na capital do estado. Isso gerou uma economia baiana “frágil”. Salvador teve aumento do desemprego e queda da ocupação. Grande parte da queda da ocupação em 1998, contrariando tendências de grandes cidades brasileiras que apresentaram aumento da ocupação, se deveu à política municipal de “disciplinar” os ambulantes¹⁰.

⁶ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Economia, **Fusão entre Estireno e Dow provoca demissões**, 22/01/1997, p. 19.

⁷ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Opinião, **O drama dos terceirizados**, 22/01/1997, p. 06.

⁸ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Economia, **Redução da jornada é arma contra demissão**, 12/03/1998, p. 03.

⁹ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Local, **200 mil perderam emprego na Bahia em 97**, 11/01/1998, P. 07.

¹⁰ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Local, **Concentração piora indicadores sociais**, 02/05/1998, p. 06.

4. OS EFEITOS DAS POLÍTICAS DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO COTIDIANO DOS TRABALHADORES DA RMS

Os trabalhadores soteropolitanos enfrentaram a crise ocupacional de diversas maneiras. Houve alarmantes crescimentos dos indicadores de inadimplência e da informalidade. E os jornais de 1997 e 1998 noticiavam cotidianamente a apreensão da população diante do desemprego provocado pela implementação das políticas neoliberais e reestruturantes.

No verão de 1997, as ruas do centro de Salvador foram “invasadas” pelo colorido das frutas. Trata-se das estratégias empreendidas pelos ambulantes para se ocupar nesta estação do ano através da informalidade. Porém, o “rapa”, ou a Sesp, operou de forma sistemática com o intuito de retirar os camelôs das ruas do centro. Os camelôs, que vivenciam a instabilidade ocupacional cotidianamente, demonstraram temor com tal ação da Prefeitura e reclamaram que a mesma cedeu um espaço insuficiente para o comércio informal. O sindicato da categoria, segundo depoimentos de ambulantes ao jornal “A Tarde”, foi “conivente” diante de tal quadro ¹¹.

O Plano Real “presenciou” de forma “assustadora”, pela primeira vez (abril de 1995 a março de 1996, período de desaceleração da economia brasileira provocada pela crise do México), o crescimento dos indicadores de inadimplência: cheques sem fundos, prestações em atraso, títulos protestados, concordatas e falências. (FILGUEIRAS, 2003, pp. 128-9). Em janeiro de 1997, quase 90% dos mutuários em Feira de Santana estavam inadimplentes com a Caixa Econômica Federal ¹². Isso revela cotidianos de “apertos financeiros” desses agentes econômicos no Plano Real para obtenção de uma melhor sobrevivência.

Em uma reportagem do fim do ano de 1998, o jornal “A Tarde” entrevistou várias pessoas de segmentos dos trabalhadores e constatou que o desemprego foi o “grande vilão popular”. Muitos alegaram que o distanciamento do homem com Deus foi a causa de tanto desemprego e sofrimento. Nota-se que um cenário econômico-social desfavorável, como o apresentado no fim de 1998, provoca novas representações religiosas nas pessoas. Outros entrevistados disseram que não adianta “preços estáveis” se ninguém tem “grana” para gastar. Percebe-se nas falas desse segundo grupo um “ensaio” de consciência crítica que possibilita o questionamento das bases de sustentação do Plano Real. O depoimento de um músico residente do bairro de Brotas ao “A Tarde” resume o cosmo vivido por muitos homens naquele mês de dezembro de 1998. Sandro Brito, 22 anos na época da reportagem, disse que suas maiores preocupações são “dinheiro e trabalho” e não o amor, pois, “nenhuma mulher gosta de cara sem dinheiro, essa é a verdade” ¹³. As visões de mundo de tal músico revelam uma consciência coletiva que permeia as atitudes e cotidianos dos indivíduos em tempos de neoliberalismo: a preocupação demasiada com o trabalho, pois o próprio sistema neoliberal “reifica” tal categoria e uma mentalidade consumista que deixa em segundo plano, por exemplo, o amor.

O jornal “A Tarde” nos anos 1997-98 também narrou a luta de muitos sujeitos históricos por um emprego através das estratégias da sensibilização e de atos de desespero.

No espaço dedicado aos leitores do jornal “A Tarde”, Zuleide M. Costa Dadas, moradora do Alto do Coqueirinho, escreveu uma carta desejando que “Papai Noel” providenciasse um

¹¹ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Geral, **Vendedores de frutas retornam às ruas do centro após confusão**, 31/01/1997, p. 03.

¹² BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Economia, **Quase 90% dos mutuários em Feira estão inadimplentes com a Caixa**, 28/01/1997, p. 15.

¹³ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Local, **Desemprego foi o vilão de 98, diz a opinião popular**, 29/12/1998, p. 05.

emprego para que ela pudesse sustentar toda a família que estava desocupada ¹⁴. Esta carta, exposta no jornal, foi uma estratégia genial de Zuleide para conseguir um emprego através da sensibilização. Outras pessoas não tiveram a mesma iniciativa de Zuleide no enfrentamento do desemprego e adotaram conseqüentemente recursos diversos. O electricista José Henrique Cunha, 42 anos em 1998 e desempregado desde 1992, acabou retalhando o próprio corpo com gilete e outros objetos cortantes. O autoflagelo, conseqüência de um homem impotente em cumprir seu papel de chefe de família, teve como “estopim” a fome (culminando na mendicância). Os filhos, crianças e jovens, e a esposa de José estavam apavorados com a situação. O desânimo de José contrastava com um passado otimista, disse Quitéria (mulher de J. Cunha) ¹⁵. Esse José dos jornais da época tem similaridades com a personagem José do poema de Drummond de Andrade. Os dois “não podem mais fumar e beber” e parece que a vida de ambos se resume a algo “mofado”. Tanto José, trabalhador soteropolitano desempregado e desesperado, quanto a personagem criada pelo poeta, “marcham”, mas “para onde?”. “José real” e “José do poema” “não morrem” porque sempre existirão homens desejosos de um mundo melhor que resgatarão suas histórias de vida.

5. MIGRAÇÕES E CRISE HABITACIONAL: SERÁ ESSE BINÔMIO ALGO DETERMINISTA?

Souza empreendeu um estudo de demografia histórica. Para a autora, os fluxos migratórios para Salvador nas décadas de 1940 a 1970 estavam ligados ao processo de estagnação das forças produtivas do estado. Originavam-se principalmente da região Sul do estado e do Recôncavo Baiano (áreas que vivenciavam as crises do cacau e das usinas de cana-de-açúcar) e de áreas de maior concentração minifundiária do estado, como o sul do Recôncavo Baiano, Litoral Norte, Feira de Santana etc. (SOUZA, 1980, p. 115). A maioria das migrações era feita por mulheres e jovens (de 10-29 anos). (SOUZA, 1980, pp. 121-2). Sabe-se que o serviço doméstico remunerado era hegemônico entre as jovens de Salvador de 18 a 24 anos. Os migrantes vinham para Salvador principalmente em busca de emprego assalariado ou por conta própria, segundo pesquisa do CRH-UFBa./ CEBRAP em 1971. (SOUZA, 1980, p. 123). Salvador tinha (e tem) uma estrutura de mercado de trabalho flexível. Daí os deslocamentos dos migrantes na busca de uma multiplicidade de ocupações que se pode encontrar na Cidade da Bahia.

Tais dados dos fluxos migratórios são interessantes para estabelecer um paralelo com a composição dos anos 1990 e atual das migrações para Salvador (se a composição recente é semelhante ou diverge da verificável nas décadas de 40 a 70 do século XX). Acreditamos também, pela própria lógica dos fluxos migratórios apresentada por Guaraci Souza, que os migrantes enfrentam substancialmente os mesmos problemas quanto à questão ocupacional dos nativos soteropolitanos de estratos baixo e médio.

A participação das mulheres nas migrações vindas do interior do estado foi um dos fatores principais para o aumento da participação feminina na População Economicamente Ativa (PEA) da RMS no período de 1990-1996. Outros fatores importantes a considerar foram as

¹⁴ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Local, **Espaço do Leitor**, 29/12/1998, p. 04.

¹⁵ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Local, **Desespero com desemprego leva homem ao autoflagelo**, 27/11/1998. No “A Tarde” de 04 de dezembro de 1998 houve uma notícia sobre o espanto e curiosidade dos passantes da Praça da Piedade ao observar uma pessoa algemada por livre vontade nas grades da referida Praça. Esta pessoa estava protestando contra o desemprego. BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Local, **Desempregado algemou-se às grades da Praça da Piedade**, 04/12/1998, p. 03.

migrações de jovens de 10 a 25 anos. As mesmas criaram aumentos na pressão por emprego, infra-estrutura e educação no ano de 1998. Elas podem ser consideradas “abalos” na ordem constituída¹⁶.

O aumento das migrações rurais para Salvador entre as décadas de 40 a 60 do século XX foi acompanhado do rápido crescimento das “favelas”. (SOUZA, 1980, p. 107). A Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (Conder), em 1997, informou à imprensa local que a favelização era provocada principalmente pelo êxodo de pessoas do interior da Bahia e de outros estados para Salvador¹⁷. Nota-se na informação dada pela Conder, o uso de certas palavras-chave para escamotear aspectos relevantes da realidade. Enquanto Souza analisou a favelização como uma consequência não-automática dos fluxos migratórios, a Conder abordou o aumento do número de sem-teto de forma categórica, quando disse à imprensa que os migrantes são os provocadores do processo. Essa forma de analisar a crescente favelização em Salvador representa uma “fuga” para “não tocar na espinha dorsal”, ou seja, no papel do Estado na construção de tal cenário.

O custo de vida subiu em Salvador desde o início do Plano Real, haja vista o aumento do número de sem-teto. Tendo em vista tal cenário, a Caixa Econômica Federal foi utilizada pela União como uma espécie de contraponto para facilitar a quitação do financiamento da moradia visando amenizar uma situação social cada vez mais desconsoladora¹⁸. A CEF anunciou que iria chamar dez mil brasileiros em 1997 para financiar a casa própria e exerceria o papel de facilitador para os clientes quitarem o financiamento da moradia¹⁹. Tal situação desconsoladora mencionada anteriormente alcançou um grau tão avançado que ocasionou na falência das duas únicas fábricas de cimento de Salvador (Aratu e Cimento Salvador) – insumo básico para a indústria da construção civil²⁰. A indústria da construção civil enfrentou uma crise nesse período. A suspensão das obras financiadas pela política habitacional, por exemplo, provocou queda da taxa de ocupação na construção civil na RMS e serviu como particularidade do processo de aumento de desemprego na capital baiana²¹.

Salvador presenciou no fim da década de 1990 diversos conflitos entre “invasores” e representantes dos governos municipal e estadual. A crise habitacional foi uma constante nas manchetes do jornal “A Tarde” entre 1997 e 1998. Por exemplo, os moradores da região do Parque Botânico em Ondina, área pertencente à Secretaria da Agricultura do Estado, foram expulsos de suas antigas moradas e receberam promessas de uma indenização medíocre de R\$ 3 mil, segundo notícia do “A Tarde”²². Os moradores sentiram medo do 6º Batalhão da Polícia Militar, além de dilemas existenciais, que com certeza o jornal não conseguiu captar de forma plena (tarefa impossível). Enquanto ocorria a desocupação do Parque Botânico, no outro extremo

¹⁶ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Local, **Desemprego em Salvador é o maior do país**, 02/05/1998, p. 06.

¹⁷ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Geral, **Salvador está cercada por 357 invasões**, 12/01/1997, p. 07.

¹⁸ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Nacional, **CEF vai incentivar quitação do financiamento da moradia**, 14/01/1997, p. 11.

¹⁹ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Economia, **Caixa vai chamar 10 mil para financiamento da casa própria**, 27/01/1997, p. 13. A Tarde, Nacional, **CEF vai incentivar quitação do financiamento da moradia**, 14/01/1997, p. 11.

²⁰ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Opinião, **Desemprego e violência**, 1º/04/1998, p. 08.

²¹ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Local, **Desemprego em Salvador é o maior do país**, 02/05/1998, p. 06.

²² BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Geral, **Indenização de famílias em Ondina limitada a R\$ 3 mil**, 15/01/1997, p. 03.

da cidade (subúrbio ferroviário), dezenas de famílias invadiam rua defronte à Praia de Itacaranha e moradores do Tingui protestavam contra a crise habitacional²³.

A crise habitacional não é uma consequência automática das migrações conforme o exposto em parágrafos anteriores. Ela é provocada por uma outra crise, qual seja, a ocupacional.

6. CONCLUSÃO

Vimos que o moderno processo de industrialização baiano esteve sob as égides da Petrobras e Sudene nos anos 1960 e 1970 e foi liderado pela indústria do setor de bens intermediários. Este modelo de industrialização, entretanto, não dissolveu formas pré-capitalistas na Bahia. Coexistiram, nesse período, uma restrita formalidade e uma ampla informalidade.

A crise ocupacional se intensificou nos anos 1990 devido à consolidação da implementação das políticas neoliberais e da reestruturação produtiva. Tal intensificação acarretou crescimentos da violência, dos números de sem-teto e trabalhadores por conta própria e da prostituição em Salvador. Muitos, por exemplo, desistiram de procurar emprego. Milhares de mulheres soteropolitanas voltaram aos afazeres domésticos nesse período. Até as lavadeiras tiveram que mudar várias posturas e cotidianos do seu trabalho.

Os trabalhadores soteropolitanos enfrentaram a crise ocupacional de diversas maneiras. Houve alarmantes crescimentos dos indicadores de inadimplência e da informalidade (os camelôs nas ruas do Centro de Salvador talvez sejam o símbolo principal do aumento do setor informal nos anos de 1997 e 1998). A apreensão da população diante do desemprego provocado pela implementação das políticas neoliberais e reestruturantes foi transformada em estratégias de luta pelo emprego, que iam de recursos da sensibilização até atos de desespero.

A crise ocupacional também foi um dos principais provocadores da crise habitacional. “Crise habitacional” e “Migrações” não foram um binômio físico clássico de causa-efeito. 1997 e 1998 foram anos de diversos conflitos entre “invasores” (sem-teto) e representantes dos governos municipal e estadual.

Mencionamos anteriormente que diversos grupos sociais populares adotaram estratégias de luta e sobrevivência contra a crise ocupacional. Os estudantes, por exemplo, fizeram marchas em 1998 protestando contra o percentual de 30% de desemprego de jovens de 15 a 25 anos na RMS e externando a visão de que “emprego e educação resolvem problemas, tais como violência, saúde e **habitação**” (grifos nossos)²⁴.

Por fim, mencionaremos um caso desenrolado em 1997 de combate às crises ocupacional e habitacional: a Associação dos Moradores do Calabar empreendeu diversas ações para atrair geração de emprego e renda no bairro, com destaque à parceria efetivada com a Fundação José Silveira²⁵.

²³ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Geral, **Dezenas de famílias invadem rua defronte à Praia de Itacaranha**, 03/01/1997, p. 03. BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Geral, **Moradores do Tingui protestam**, 28/01/1997, p. 05.

²⁴ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Local, **Estudantes fazem marcha por emprego e educação**, 02/04/1998, p. 03.

²⁵ BPEB, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Geral, **Calabar busca parcerias para ser bairro modelo**, 23/01/1997, p. 04.

7. FONTES

7.1 Impressas

7.1.1 Biblioteca Pública do Estado da Bahia

. A TARDE. Salvador, 1997 a 1998.

8. REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **Balanco do Neoliberalismo**. In: Sader, E. e Pablo, G. (orgs.). Pós-Neoliberalismo – As Políticas Sociais e o Estado Democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

BIANCO, Mônica de Fátima; SALERNO, Mário Sérgio. **Como o TQM Opera e o que Muda nas Empresas? Um estudo a partir de empresas líderes no Brasil**. São Carlos: Revista Gestão da Produção, v. 08, n. 01, 2001.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CARVALHO, Inaiá M. M. de e SOUZA, Guaraci A. A. de. **A Produção Não-Capitalista no Desenvolvimento Capitalista em Salvador**. In: Souza, Guaraci Adeodato Alves de (org.). Bahia de Todos os Pobres. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

FARIA, Vilmar E. **Divisão Inter-Regional do Trabalho e Pobreza Urbana: o caso de Salvador**. In: Souza, Guaraci Adeodato Alves de (org.). Bahia de Todos os Pobres. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

FILGUEIRAS, Luiz Antonio Mattos. **História do Plano Real: fundamentos, impactos e contradições**. 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

GIMENES, Nilson Roberto da Silva. **Direito, Planejamento Econômico e Globalização (no prelo)**. Salvador: Curso de Pós-Graduação em Direito, 2007.

HOBBSAWM, Eric J. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NORA, Pierre. **O retorno do fato**. In: Le Goff, Jacques et alli. História. V. 01: Novos Problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

OHNO, Taiichi. **O Sistema Toyota de Produção: além da produção em larga escala**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

OLIVEIRA, Francisco de. **O Elo Perdido: classe e identidade de classe**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. **Apresentação**. In: Souza, Guaraci Adeodato Alves de (org.). Bahia de Todos os Pobres. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

SALES, Telma Bessa. **Trabalho e reestruturação produtiva: o caso da Volkswagen em São Bernardo do Campo/ SP**. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2002.

SINGER, Paul. **A Economia Urbana de um Ponto de Vista Estrutural: o caso de Salvador**. In: Souza, Guaraci Adeodato Alves de (org.). Bahia de Todos os Pobres. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

SOUZA, Guaraci A. A. de. **Urbanização e fluxos migratórios para Salvador**. In: Souza, Guaraci Adeodato Alves de (org.). Bahia de Todos os Pobres. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: a questão do outro**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.